

IV-30-100, 0.000

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O Amor por princípio, e a Ordem por base;

O Progresso, por fim.

Viver para outrem

Viver ás claras

Augusto Comte

CALENDARIO POZITIVISTA

PRECEDIDO DE INDICAÇÕES SUMMARIAS SOBRE A THEORIA
POZITIVA DO CALENDARIO

POR

R. TEIXEIRA MENDES



1.^o DE JANEIRO DE 1890

CXI da Revolução Franceza & XI da Republica Brazileira

S. PAULO

PREÇO 1\$000

11-321-5-3. v. 3

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O Amor por principio, e a Ordem por base;
O Progresso por fim.

Viver para outros

Viver ás claras

Augusto Comte

CALENDARIO POZITIVISTA

PRECEDIDO DE INDICAÇÕES SUMMARIAS SOBRE A THEORIA
POZITIVA DO CALENDARIO

POR

R. TEIXEIRA MENDES

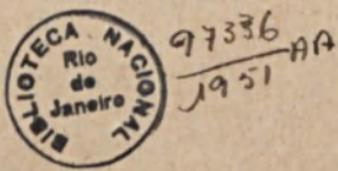


1.º DE JANEIRO DE 1899
CXI da Revolução Franceza e XI da Republica Brazileira

S. PAULO

PREÇO 1\$000

I, 335, 2, 18 - n° 4



97336
1951 AA

R. TEIXEIRA MENDES



INDICAÇÕES SUMMARIAS SOBRE A THEORIA POZITIVA

DO

CALENDARIO

DECLARAÇÃO

Para a nova edição do Calendario Positivista, inserto neste opusculo, seguimos o quadro annexo á traducção brasileira do Catecismo Positivista (2.^a edição).

As provas da reimpressão que ora se faz dos artigos sobre a theoria pozitiva do Calendario foram lidas pelo autor, que fez pequenas alterações e ajuntou algumas notas. Extraimos esses importantes e instructivos artigos da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, onde foram publicados pela primeira vez em março de 1881.

O producto da venda deste folheto destina-se ao subsidio da Igreja Pozitivista do Brazil.

S. Paulo, 25 de Bichat de 110.

O Editor,
F. MEDEIROS GERMANO.
Rua Vergueiro, 106.

Indicações sumarias sobre a theoria pozitiva do calendario

I

Observações preliminares

Antes de entrar no assumpto especial dos artigos de que fui encarregado pelo Centro Positivista, parece conveniente assentar alguns principios que tendam a facilitar a comprehensão d'elles. Tal será o objecto d'estas observações.

Seja qual fôr o problema que solicite a nossa attenção, podemos dispor em duas categorias o conjunto dos dados imprescindiveis á sua completa solução: de um lado, a serie de considerações fornecidas pelo *mundo*; de outro lado, a somma de exigencias resultantes dos interesses humanos. E' isto que se exprime em linguagem philosophica, dizendo que todo problema tem condições *objectivas*, — referentes ao *mundo*, — e condições *subjectivas* — referentes ao *homem*. Por exemplo, quando se projecta uma estrada de ferro, não basta examinar as condições do terreno, os lucros pecuniarios, etc.;

cumpre saber sobretudo se a sua realização não importa a ruina da população a cujo cargo estava antes o transporte das mercadorias. E, ao formular a solução, é imprescindível indicar os meios de prevenir semelhante cataclysmo, sob pena de ser uma solução incompleta, scientificamente, e iniqua sob o ponto de vista social e moral.

Bem sabemos que no delírio a que nos entrega o industrialismo, esta ultima parte do problema é sacrificada á ganancia dos emprezarios e á precipitação do público, seduzido pelos clamores de *progresso e sciencia*. Mas isso, longe de invalidar a nossa proposição, só demonstra que se pôde especular e arrastar as massas a commetter iniquidades com o pretexto de *progresso e de sciencia*, com a mesma facilidade com que, em outros tempos, se conseguiu mandar gente á fogueira, invocando ao Deus de misericordia.

Não ha grande diferença entre morrer de fome ou morrer queimado; nem menor é a responsabilidade do algoz em um do que noutro caso.

Não basta, porém, reconhecer essa dupla face de qualquer problema:—é de toda necessidade fazer predominar na solução o ponto de vista humano. E' para o homem que o homem trabalha; e para o homem devem convergir todos os esforços humanos; fora d'este circulo, tudo é immoralidade e anarchia, seja qual for o pretexto e o titulo com que o defendem.

Ora, o predominio do ponto da vista humano significa a satisfação dos interesses collectivos, o bem estar de todos, e não as conveniencias de um individuo, de uma cidade ou de uma nação. Toda

a concepção da ordem social que não se mostrar compativel com a felicidade de todos os homens, seja qual for a sua condição e o seu grau de civilisação, é um systema imperfeito, incapaz de satisfazer ás intelligencias e aos corações bem formados.

Com estas premissas, examinemos quaes os meios de fazer predominar a consideração dos interesses humanos; isto é, vejamos se será possivel resumir num enunciado simples a norma de conducta a seguir para realisar semelhante *desideratum*.

A existencia individual ou collectiva depende dos *actos*; fosse qual fosse o modo de conseguir os *actos*, desde que elles se dessem, claro é que o seu resultado objectivo seria o mesmo. Trata-se, por exemplo, de transportar um fardo; o transporte se effectuará desde que por qualquer meio se determine no carregador a serie de movimentos, ou de *actos*, necessarios a esse deslocamento. A phantasia de cada um pôde sugerir uma infinitade de meios de chegar a semelhante fim; observando-se, porém, a realidade, nota-se que todo o *acto* humano—como de qualquer animal—suppõe sempre a intervenção da *intelligencia*, que diz o que ha a fazer, e do *sentimento*, ou melhor dos *instinctos*, que dão-lhe o *impulso*, que o levam a fazer. E' assim que, no nosso exemplo, o carregador *sabe* como e para onde tem de levar o fardo; e, demais, *quer* leval-o, ou por *interesse*, ou por *ambição*, ou por *amor*, ou mesmo pelos tres impulsos simultaneamente. Portanto o meio natural de determinar os *actos* consiste em dirigir-se á *intelligencia* e aos *instinctos*, os quaes formam no seu conjunto o *sentimento*.

D'ahi se conclue que para estabelecer a convergencia das acções humanas, é imprescindivel *convencer* a todos os homens da exactidão de uma doutrina unica: em quanto houver muitas crenças, é claro que os *actos* não podem ser convergentes. Essa doutrina é que ha de traçar a cada um os seus actos. Mas isso não basta: pôde-se saber o que se deve fazer e não se querer. E' urgente pois produzir em todos os individuos a mesma *vontade*, a mesma resolução. E de que modo? Fazendo com que em todos domine o mesmo instincto ou o mesmo sentimento.

Aqui, porém, apresenta-se uma dificuldade, e vem a ser: que o homem tem um grande numero de instinctos (e são os mais energicos), todos impellindo-o a só cuidar de si. Segundo a analyse cerebral de Aug. Comte, esses instinctos são em numero de sete e constituem o *egoismo*. Ao passo que os orgãos do amor são unicamente em numero de tres:—apego, veneração e bondade,—todos de fraca intensidade. O conjunto d'esses orgãos forma o *altruismo*.

Ora, é claro que os orgãos do egoismo não pôdem ser escolhidos como devendo dominar para se alcançar que todos os homens tenham o mesmo sentimento; se cada um cuida de si, é forçoso que haja desunião e contenda. Só resta escolher para sentimento dominante o altruismo, isto é, os orgãos menos intensos, para conseguir que os actos convirjam. Somos assim conduzidos a esta conclusão fatal: a vida social é impossivel sem o predominio do *amor*, isto é, da dedicação. E será isso possivel? Seguramente que sim:—tal foi o resultado de toda

a grandiosa elaboração de Augusto Comte. Com efeito, a satisfação dos instintos altruistas não exige o aniquilamento dos instintos egoistas; pelo contrario, *a efficacia social dos sentimentos humanos se altera igualmente quando elles se tornam demasiado subtils ou demasiado grosseiros*, na phrase do nobre Pensador. A expansão altruista é impossivel sem uma certa dóse de egoismo: *para amar é preciso rirer*. Sómente, de acordo com uma profunda observação do fervoroso S. Paulo, o destino superior dos orgãos inferiores os enobrece e exalta. O ascetismo é condemnado pela Religião da Humanidade, por tornar-nos incapazes de servir a outrem, isto é, de amar; porque melhor ama quem melhor serve.

Tomemos um exemplo que esclareça o que porventura houver de obscuro nas considerações precedentes. Examinemos um operario em hora de trabalho. A vida social exige delle uma serie de operaçoes que constituem o seu officio, e de cujo producto não tem o menor quinhão: trabalha realmente para outrem. No entanto, é facil de ver nelle em jogo todos os instintos. O instinto conservador tem a justa satisfação, visto como a vida lhe é assegurada pelo salario, e demais elle tem de velar incessantemente para não ser victima dos perigos que salteiam a pratica industrial. Os instintos constructor e destruidor funcionam simultaneamente, porque é da natureza da industria separar e reunir materiaes. O orgulho encontra uma valvula no dominio da materia bruta, pelo menos. A vaidade compraz-se na apreciação de seus compa-nheiros. Isto pelo que respeita aos orgãos egoistas;

vejamos os altruistas. A veneração se desenvolve na consideração de seus chefes e na lembrança dos grandes inventores. A bondade expande-se no trato dos aprendizes, na recordação dos filhos por quem trabalha, e na contemplação da posteridade, que virá a gozar dos seus labores e sacrifícios. O apego finalmente se exercita no culto de seus companheiros e até de seus instrumentos de officina. Tome-se qualquer função social, e encontrar-se-hão todos os órgãos cerebraes em jogo.

Este exemplo basta para mostrar como é possível conciliar a satisfação de todos os instintos egoistas, com o imprescindivel domínio dos órgãos altruistas; e portanto evidencia a possível solução do grande problema humano. Para assegurar-a basta fazer intervir uma lei biologica, conhecida de todo o mundo, e vem a ser que o exercício desenvolve a função e o órgão, e a falta de exercício os atrofia. Não ha quem ignore que o meio de fazer qualquer cousa bem, é exercitar-se em fazel-a sempre que possível fôr.

Isto posto, considere-se que:

1.º Toda vida social depende de subordinar o egoísmo ao altruismo;

2.º Que os órgãos altruistas são os menos energicos, e que os órgãos egoistas são os mais violentos;

e responda-se si, á vista da lei citada, não é do nosso dever aproveitar todas as ocasiões de exercitar semelhante subordinação? Haverá princípio mais científico, mais humano, mais positivo do que esta simples regra que nos impõe de considerar invariavelmente o lado moral de *todas* as

questões? Quem quer que aceitar a subordinação de tudo á vida social, poderá recusar este arbitro supremo de *todas* as hesitações? Tal era o ponto a que queríamos chegar.

Todo problema, portanto, em que se despresar o aspecto moral; toda solução que não puder ser considerada como um meio de subordinar o egoismo ao altruismo, é um problema não resolvido, é uma solução inutil e até prejudicial. Porque não ha meio termo: ou o egoismo fica subordinado ou subordina. Para mostrar toda a extensão pratica d'esta regra, tomemos um exemplo no que ha de mais elementar: a addição. E' sabido que os autores recommendam que, antes de proceder-se á operação, se colloquem as parcellas umas por baixo das outras, de modo que os algarismos da mesma ordem se correspondam. Esta disposição facilita evidentemente os calculos. Mas, além da vantagem logica, possue uma aptidão moral que passa geralmente despercebida, e vem a ser a seguinte.

Desde que a disposição não é imprescindivel, e a operação se pôde realisar sem ella, está claro que o calculista é livre de adoptal-a ou regeital-a. Ora, a consideração do ponto de vista moral o determina, independente de qualquer outro fato, a adoptar a pratica ordinaria, pois que assim exercita a veneração para com a série de antepassados que nunca procederam de outro modo. Todas as mais vantagens pessoaes devem ser subordinadas a esta consideração, que transforma, pela idealisaçao, um acto de regimen em pratica cultual.

Estabelecido este ponto, vejamos mais doux, para concluir estas observações preliminares. O pri-

meiro d'elles refere-se á ideia do *progresso*, e o segundo ao prestigio que actualmente adhère ao simples vocabulo *sciencia*. Ri-se a gente de tudo; mas, em se proclamando as palavras cabalísticas progresso e sciencia, arranca-se impunemente a ultima gotta de sangue. Eis porque torna-se imprescindivel assignar a justa significação do primeiro e mostrar o exacto logar que a existencia humana assegura ao elemento intellectual.

Hoje liga-se á palavra *progresso* a ideia de qualquer mudança no que existe; e por outro lado é geral a crença de que tudo quanto actualmente encontramos na sociedade, pôde-se vir a mudar com o correr dos annos. Esta concepção da instabilidade das instituições humanas e de sua variabilidade indefinida constitue a mais seria ameaça á ordem publica, e está em flagrante contradicção com as indicações do methodo positivo nas sciencias inferiores.

Com effeito, o methodo positivo nas sciencias inferiores consiste em reconhecer a vasta inducção de que todos os factos estão submettidos a relações constantes de successão e semelhança, que se denominam *leis*. E, demais, que o unico meio de chegar ao conhecimento d'estas leis é o exame mesmo dos factos: é vendo como um phenomeno se tem dado até hoje que poderemos ficar sabendo como elle se dará amanhã. Tomemos um exemplo: todos os que se ocuparam da physica não ignoram que é sempre possivel prever a hora a que um sino, cahido de uma torre, chegaria ao chão; bastando para tanto conhecer a altura da torre e o momento em que elle começou a cahir. E porque? Porque Galileu

descobriu que havia uma relação constante entre a altura de que um corpo caher e o tempo gasto na queda, determinando igualmente qual era essa relação. E como chegou Galileu a esse conhecimento? Deixando cahir muitos objectos e vendo como é que elles cahiam.

Em mathematica, astronomia, physica, chimica e biologia, todos os conhecimentos são adquiridos com esse mesmo methodo; e, uma vez adquirido, o conhecimento fica, consistindo o progresso unicamente na acquisição de novas leis, obtidas sempre por esse modo. Pois bem, o grande passo realizado por Aug. Comte consistiu em afirmar a necessidade da mesma marcha nas questões politicas e moraes.

Para elle tudo quanto se tinha passado até então, se dera em virtude de leis naturaes; e para descobrirl-as só havia um caminho a seguir:—ver como se tinham passados os factos registrados pela historia. Feito isto, o conhecimento das leis sociaes e moraes poderiam dirigir a intervenção humana no governo do homem, assim como as leis mathematicas, physicas e chimicas a dirigem na construção de qualquer machina.

Com estas disposições methodicas, que aprendera no cultivo das sciencias conhecidas até si, desde a mathematica até a biologia, Augusto Comte comprehendeu o descobrimento das leis que regem a sociedade e o homem. Foi então que reconheceu que de facto as sociedades *variaram com o tempo*, o que já outros haviam tambem reparado antes d'elle; mas o que ninguem tinha feito e elle fez foi dizer como é que se opera semelhante variação.

Foi assim que elle construiu a sociologia, demonstrando que o progresso consiste sempre:

1.^º Sob o aspecto intellectual, em fazer a razão humana passar por tres phases: theologica, metaphysica e positiva.

2.^º Sob o aspecto pratico, em fazer a actividade passar pelas tres phases de ataque, defesa, e industria ou paz.

3.^º Sob o aspecto moral, em fazer o sentimento passar elas tres phases; Familia, Patria e Humanidade.

Em virtude da primeira lei, o homem tende cada vez a tornar-se mais *synthetico*; em virtude da segunda a tornar-se mais *synergico*; em virtude da terceira a tornar-se mais *sympathico*. E tudo isso se resume neste aphorismo unico: *O homem torna-se cada vez mais religioso*.

Assim, o positivista crê que a sociedade muda, mas não crê que mude *ad libitum* do primeiro que chega; o progresso para elle tem uma significação precisa. A diferença que existe entre este ponto de vista e o modo de ver revolucionario, é a mesma que separa em relação ao exemplo citado, os que conhecem dos que ignoram a lei da queda dos corpos. Não ha quem não veja que para cahir de mais alto é preciso mais tempo; mas qual seja a relação exacta entre a altura e o tempo, só Galileu a viu e ensinou aos outros.

O publico deve pois prevenir-se contra as alterações do que está, em nome de um progresso que não se definiu previamente: não ha industrial sensato que se preste a quebrar os seus instrumentos antes que lhe demonstrem a superioridade

dos novos, e isto pelo methodo positivo acima indicado. O mesmo deve fazer-se nas questões sociaes: quem é incapaz de mostrar quaes as leis em virtude das quaes se tem dado a evolução, isto é, quem é incapaz de explicar o passado não pôde conhecer o futuro; do mesmo modo que quem ignora como os corpos cahiram até hoje não pôde dizer como elles cahirão amanhã.

Vejamos agora a importancia que se deve attribuir á *sciencia*, isto é, qual deve ser a posição da intelligencia no conjunto da vida humana.

Em primeiro logar observemos que o ascendente scientifico não exige que cada homem seja um sabio; se assim fosse, o positivismo não passava de chimera. Existe uma *fé scientifica*, como existem uma *fé theologica* e uma *fé metaphysica*: crê-se por confiança e sem demonstração. Para evidencial-o basta reparar que a maioria do Occidente *acredita* no movimento da Terra; e no entanto bem pequeno é o numero dos que estão nos casos de formular hoje semelhante theoria. Crê-se porque pessoas que se julgam competentes assim o affirmam.

Isto posto, é facil de mostrar o caracter anarchico e corruptor da intelligencia isolada. Basta reparar que a construcção de qualquer machina de guerra exige em nossos dias talvez maiores esforços intellectuaes do que os instrumentos industriaes. No ponto de vista objectivo o monitor *Solimões* é mais apto para revelar a força prodigiosa da sciencia moderna do que as faluas que cruzam a nossa bahia. Mas decida cada um por si em qual dos casos a intelligencia teve melhor destino: se construindo um monstro de destruição numa epocha

que deve aspirar á paz; se construindo um apparelho insignificante consagrado a estreitar as relações sociaes.

A sciencia isolada é até prejudicial; como todos os aspectos de nossa existencia, ella tem de subordinar-se ao amor universal que nos impelle a servir á Familia, á Patria, e á Humanidade.

II

Instituição do Calendario

Em nosso artigo anterior procuramos estabelecer os seguintes pontos: 1.^o que as considerações moraes devem prevalecer na solução de todos os problemas; 2.^o que o progresso, isto é, as variações da sociedade estão subordinadas a tres leis que se resumem neste aphorismo unico—*O homem torna-se cada vez mais religioso*; 3.^o que a intelligencia como a actividade, deve estar ao serviço do amor universal, fornecendo-nos os meios de melhor dedicar-nos á Familia, á Patria e á Humanidade. Aceitar estes tres pontos, é aceitar implicitamente toda a religião positiva.

Isto posto, entremos na materia especial d'estes escriptos, considerando hoje a instituição do calendario e reservando para depois a exposição do calendario positivista.

O calendario é uma instituição que tem por fim tornar possivel assignar a posição de qualquer acontecimento na serie dos tempos; de sorte que, dados muitos factos, possamos determinar a ordem em que se realizaram.

Para isso toma-se um acontecimento, que é a *era*, e suppõe-se todo o tempo decorrido antes e depois desta *era* como uma reunião indefinida de intervallos, cuja duração é préviamente conhecida. Cada um destes intervallos representa o tempo que dura certo *phenomeno*; e para maior facilidade deve ser escolhido sempre o mesmo *phenomeno* e nas mesmas circunstâncias, para que se possam considerar os intervallos iguaes entre si. Cada intervallo representará, portanto, a *unidade* com que se avalia o tempo; e claro é que semelhante unidade pôde ser escolhida de tamanhos diversos. Desde então o momento de cada *phenomeno* fica sufficientemente conhecido, indicando-se o *numero* de unidades de tempo decorrido desde a *era* até á realização delle. Este numero é o que se chama a *data*.

O objecto do calendario é, pois, tornar possível a determinação das datas.

E para que serve a data? Sob o aspecto intellectual, é uma informação imprescindivel ao juizo de qualquer facto; visto como tudo se passa sempre em certo *logar* e em certo *instante*. Sob o aspecto pratico, é o unico meio de tornar effectivo o concurso dos homens, determinando a cada um o momento em que deve entrar no immenso concerto da vida, segundo a imagem do Sr. P. Laffitte. (*) Sob o aspecto moral, não só satisfaz ao coração, permittindo determinar todas as circunstâncias em que se dão os acontecimentos que nos encantam a exis-

(*) Quando estes artigos forão escritos ainda eramos vitima da mistificação desse desleal e ingrato sofista.

tencia; mas ainda assegura a disciplina, sujeitando a nossa conducta á regularidade das leis numericas. Concorre portanto para a solução do eterno problema: subordinar o egoismo ao altruismo.

E como realizar a determinação da data? Nós o dissemos ao começar: cumpre escolher unidades de tempo. Mas o tempo que se quer avaliar, podendo ser longo ou curto, importa que existam varias unidades á nossa disposição de tamanhos diversos. Todo o mundo sabe que é tão disparatado medir uma estrada a millimetros, como avaliar um dos caracteres typographicos em leguas. Demais, é necesario que as unidades sejam grandezas susceptiveis de conservar-se indefinidamente sem risco de perda. Foi esta consideração que levou a tomar para base do *sistema metrico* uma fracção determinada do meridiano terrestre.

A formulação do calendario exige, pois, em primeiro logar a determinação das unidades do tempo. Ora, nenhum phenomeno se apresenta mais espontaneamente do que o *dia*, isto é, o tempo decorrido entre dois nascimentos do sol. E' uma unidade accessivel a todos os graus da evolução humana, e que deve existir desde o periodo fetichista; mas tem o inconveniente de ser por demais pequeno para avaliar épocas consideraveis. As *phases* da lúa, como tambem exigindo insignificantes esforços contemplativos, pôdem ter fornecido uma unidade desde esse periodo, chamando-se *lunação* a duração entre duas phases identicas. Mas ainda é curta.

O *anno* preenche satisfatoriamente a lacuna. Mas o descobrimento do anno é por tal forma complicado, que a sua consideração suppõe já realizada

a maior das revoluções humanas, qual seja a passagem da vida nomade para a vida sedentaria. Com efeito, só ha dois meios de chegar a essa noção: ou reparando que o sol não nasce todos os dias no mesmo ponto do horizonte; ou observando que elle não nasce todos os dias a igual distancia da mesma estrella. No primeiro caso uma observação sustentada, só accessivel a quem não tivesse que cuidar da vida material, indica que durante certos dias o sol parece nascer no mesmo logar, depois vai se afastando gradualmente até um certo limite, onde igualmente estaciona, para começar novamente a volta ao ponto primitivo. O tempo empregado para nascer duas vezes no mesmo ponto dá o anno.

A comparação com a estrella exige tambem uma longa observação, para reveiar a volta do sol a nascer perto d'ella; e, como no caso precedente, suppõe que já existe quem possa viver sem trabalho material. Imagine-se por ahi se o *anno* podia ter sido descoberto durante a vida nomade de nossos antepassados. Mau grado o rancor revolucionario, é este um dos maiores serviços das velhas theocracias.

Seja como fôr, estava resolvida a primeira questão—a *escolha das unidades*: tinha-se o *dia*, a *lunação* e o *anno*. Mas neste ponto começa uma longa operação que exigiu para seu acabamento o esforço do genio abstracto da Humanidade desde as antigas castas sacerdotaes até Aug. Comte.

Tratou-se de estabelecer a *subordinação das unidades*, de sorte que se pudesse converter umas nas outras *ad libitum*. Note-se que semelhante conversão suppõe já construida a escala numerica,

isto é, inventada a numeração systematica. Espontaneamente os homens, como os animaes superiores, inclusive certas aves, só podem contar até 3, segundo a sagaz observação de G. Leroy; é isto que explica (seja-o dito de passagem) o papel empirico desse numero nas theogonias, e o seu emprego systematico no positivismo. Ora, para converter o *anno* em *dias*, é preciso já saber contar até 360 pelo menos. Esta conversão não podia pois deixar de ter sido suscitada pela imitação da escala numerica, onde tambem existe a subordinação das unidades; e por outro lado só é concebivel como esboçada pelos antigos sacerdotes.

As primeiras tentativas deram, no Egypto, 365 dias ao anno; e a descoberta era de tal ordem, que o povo acreditava ser uma dadiva dos deuses, jurando cada Pharaó que subia ao throno, a manutenção do calendario. Com o correr do tempo a classe sacerdotal reconheceu que essa relação não era exacta: no fim de 365 dias ainda o sol não havia attingido ao ponto de partida; era preciso, para tanto, mais um quarto de dia approximadamente. Tomar por tanto 365 dias para representar o *anno* era inventar uma cousa fora da realidade; era o mesmo que chamar-se hoje *círculo* a uma roda de carro. Substituia-se assim ao facto *concreto* um facto *abstracto*, ou *subjectivo*, como se diz em linguagem philosophica.

Nestas condições, o que fizeram os sacerdotes? Resolveram adoptar os 365 dias para valor do anno; mas de quatro em quatro annos contavam 366 dias, e assim restabeleciaiam periodicamente o acordo entre o anno *real* e o anno *subjectivo*.

Guardaram porém o segredo; sem duvida com receio de revoltar contra si o povo, que não deixaria de ver nisso uma offensa aos deuses. Para ver quanto era pejada de ameaças semelhante revelação, basta reflectir que Julio Cesar foi accusado por Cicero de tyrannia por essa reforma; e que «dezoito seculos depois de Cesar, lord Chesterfield, querendo reformar o calendario em Inglaterra, abreviou de um mez o anno em que realizou esta reforma: houve tumulto, crivaram de pedras o seu carro; e elle mesmo esteve a ponto de ser apedrejado, no meio das vociferações:—restitue-nos o tempo que nos roubastes!»

Os revolucionarios que não esquecem nunca as crueldades dos antigos poderes sociaes, deviam ter, por equidade, sempre presente estes e outros exemplos do novo deus—o povo. O arbitrio e a falta de conhecimento das condições sociaes conduzem sempre ás mesmas perversidades, seja qual fôr o agente, e o pretexto, rei ou povo, Deus ou razão.

Havia portanto no Egypto dous annos: um de 365 dias invariavelmente, que se denominava *rago*, por não concordar em geral com o anno *real*, e outro sacerdotal, de que já fallámos.

Em Roma servia tambem o anno *rago*; de sorte que no tempo de Cesar havia já uma diferença consideravel entre os dous *annos*. Cesar deu um verdadeiro golpe de estado: fez um anno de 445 dias, que se chamou *anno de confusão*; e pondo assim de acordo o anno civil e o anno real, determinou que de quatro em quatro annos se juntasse um dia ao mez de fevereiro.

Eis como se introduziu o anno *bissesto* no calendario occidental.

Mas ainda assim não se conseguiu estabelecer uma harmonia sufficiente entre o anno solar e o anno civil; porque no fim de quatro annos o atrazo do sol não chega a um dia exactamente. De sorte que se junta demais. O resultado é que no fim de 1,500 annos ha uma diferença de dez dias, estando o anno civil (o antigo anno vago) em avanço. Foi para corrigir esse novo desacordo que o papa Gregorio XIII introduziu uma nova alteração e uma nova regra. O anno de 1582 teve onze dias de menos, e determinou-se que fossem supprimidos tres bissextos em 400 annos, o que se consegue fazendo com que só sejam bissextos os annos seculares divisiveis por 400.

Assim, a reforma julio-gregoriana conseguiu estabelecer uma relação, approximada é certo, mas tanto quanto o exigem as necessidades humanas, entre as duas unidades de que temos fallado até aqui. Importa notar que é absolutamente impossivel estabelecer um acordo perfeito entre os dous periodos seja qual fôr o artificio empregado; só é possivel obter-se, e só exigem as condições sociaes uma approximação sufficiente. Ora, isto está conseguido com a reforma alludida.

As duas unidades estavam pois jerarchisadas; mas para isso foi necessário tornar *subjectiro* o anno, isto é, substituir ao anno real um anno ficticio. Desde então o phenomeno cosmologico, isto é, o mundo, só serviu de *estimulante, alimento e regulador*, como deve ser normalmente, segundo a concepção positivista.

Mas não se parou ahí. A observação tendo revelado que o movimento apparente do sol do oriente para o occidente não é sempre o mesmo, tornou-se claro que os dias solares não eram todos do mesmo tamanho. Resolveu-se por isso adoptar um dia *subjectivo*, que se chama *dia medio*, o qual differe do dia solar de alguns momentos, nunca mais de 14' approximadamente.

Em definitivo, as duas unidades que a principio eram *absolutas* e *objectivas* tornaram-se *relativas* e *subjectivas*. Só assim pôde estabelecer-se uma coordenação entre elles. No fundo tudo isto reduziu-se a substituir o sol verdadeiro por um sol ficticio, que pouco differe d'elle, mas tem a vantagem de ser mais regular, e sobretudo mais de harmonia com os interesses humanos.

A unidade superior ao anno foi o seculo, reunião de cem annos, periodo completamente subjetivo, e que deve ser conservado como correspondendo ao conjunto de tres gerações. Desde então cada seculo offerece sempre um cunho especial.

Quanto ás *lunações*, forçoso foi abandonal-as, por não ser possivel estabelecer sufficiente harmonia entre elles, o dia e o anno. Em compensação, porém, introduziram-se duas unidades novas, o *mez* e a *semana*. D'estas duas unidades, a semana, periodo de sete dias, nenhuma relação tem com phenomenos objectivos; mas o *número* de dias que a compõem nada tem de arbitrario, por ser o limite de contagem natural directa. O simples facto de estar adoptado em quasi todo o mundo já demonstra por si que esse periodo de sete dias prende-se a alguma cousa de fundamental em nossa constituição

cerebral. O mesmo não acontece com o mez, periodo sem regularidade alguma, e que a nada corresponde.

Antes de deixar este assumpto, devemos lembrar uma invenção complementar, o relogio, sem a qual o calendario falharia em parte ao seu destino. Hoje, que o mundo caminha a vapor e á electricidade, em que se contam segundos, como outr'ora talvez se não contassem annos, era de toda necessidade que cada um pudesse trazer consigo uma imagem do sol, de sorte que pudesse seguir-lhe minuciosamente os passos. Sem isto a vida industrial seria impossivel: tal foi a lacuna que veiu preencher o relogio.

Era essa a constituição do calendario quando operou-se a Revolução de 89. Conscientes de todas as exigencias da situação humana, embora muitas vezes falhassem na satisfação d'ellas, os directores d'esse grande movimento não esqueceram a reforma do calendario. Reservamos, porém, para o proximo artigo a apreciação d'essa gloriosa tentativa, como antecedente historico da monumental construção de Augusto Comte.

III

O Calendario Positivista

Até aqui examinámos a questão sob o *ponto de vista astronomico* especialmente; e só de passagem apontámos as reacções sociaes e moraes de semelhante instituição. A coordenação positivista, fazendo, porém, dominar o *aspecto moral* exige que

nos detenhamos algum tempo ainda na apreciação do calendario occidental e na grande tentativa da Revolução Franceza.

Bom é que neste, como em todos os casos, se torne patente a exactidão da lei fundamental da Politica Positiva, reconhecida, não ha muito, pelo eminent director actual da França, o Sr. Gambetta (*):—*o progresso é o desenvolvimento da ordem.*

Por maior que seja a obra de Comte; por mais prodigioso que tenha sido o contingente por elle fornecido á civilisação humana; o passado encerra sempre elementos a que se foram filiar as suas incomparaveis producções. Sómente esses elementos foram por vezes tão tenues, que a sua contemplação mal pôde fazer suspeitar a estupenda construcção que se lhes vai ligar. E é isto que desnortea os espiritos superficiaes, avidos de critica, dispostos sempre a erigirem-se em censores dos mesmos a quem mais devem, em vez de meditar com animo docil nas concepções que se furtam a principio á comprehensão de suas intelligencias.

Tinhamos visto que o grande problema humano se resume *na subordinação do egoismo ao altruismo*; e que por outro lado, a lei biologica do exercicio exige, para sua solução, a cultura assidua dos orgãos do amor,—apego, veneração e bondade. Isto posto, lembremos mais alguns factos de ordem biologica e de facil verificação: desses que

(*) Gambetta não merece simulhante qualificativo; basta dizer que ele nunca comprehendeu a *questão social* e a separação do poder espiritual do temporal.

não exigem para ser demonstrados, laboratorios nem torturas aos miserros animaes. Os factos a que aludimos são os segintes :

1.^o—toda imagem *desperta um sentimento*, e o mesmo que as realidades que ella recorda;

2.^o—todo signal *desperta os sentimentos* inherentes ás idéas que elle exprime.

Como exemplo do primeiro facto, basta reparar que toda a arte se funda nelle; quanto ao segundo, basta lembrar quanto não pôde a vista da *bandeira* num coração patriota.

D'isto tudo o que resulta? que não devemos perder as occasões de despertar os sentimentos altruistas por meio de imagens e signaes. E a indicação da data não é um signal, ou melhor um sistema de signaes? O que ha pois de mais scientifico, de mais logico, de mais humano, de mais moralisador em summa, do que construir a indicação das datas por forma que a simples menção d'ella seja um exercicio de amor? E não ha que fugir; e não ha que taxar de mysticismo semelhante preocupação, sem falta de espirito logico ou aridez de coração. O raciocinio é simples, com effeito.

O homem tem orgãos de amor; logo o exercicio os desenvolve. Esses orgãos tem poñca energia; logo carecem de exercicio constante, para corrigir os desvios do egoísmo, já de si energico e de continuo em trabalho. O signal pôde concorrer para esse exercicio: devemos, portanto, empregal-o com este fim; e neste caso está a indicação da data. O dilemma é inevitavel: só se recusam essas conclusões por negar as suas bases scientificas, ou

por contestar a utilidade da cultura sentimental. Quem quizer que escolha.

O calendario occidental correspondeu *empiricamente* a esse destino moral; correspondeu, dizemos, porque actualmente já nada significa. Com efeito, antes do catholicismo, os nomes de alguns mezes recordaram os deuses.—objecto do amor dos crentes: Janeiro, era o mez de Jano; Março, o mez de Marte; Junho, o mez de Juno; etc. Os dias da semana lembraram igualmente os deuses do polytheismo; dia da Lua; dia de Marte; etc. O catholicismo conservou o nome dos mezes; tentou porém alterar os nomes dos dias da semana. Semelhante alteração só vingou, em todo occidente, para o *sabbado* e o *domingo*: todas as linguas occidentaes conservam para os demais dias nomes provenientes da corrupção da indicação romana. Portugal fez excepção, e as denominações de *segunda-feira*, *terça-feira*, etc., significam que todos os dias da semana são *santos* (Vide Bluteau) e substituiram completamente os termos pagãos. Não nos consta que haja outra excepção.

Demais o catholicismo instituiu, ou antes systematisou a consagração do typo humano, povoando o calendario de *Santos*; para o verdadeiro catholic, o dia foi sempre a recordação de um homem virtuoso. Pôde-se hoje discutir a justiça dos typos escolhidos, isto é, *canonizados*; mas o que fica fora de questão é o princípio.

Vê-se portanto, de tudo quanto precede, que a constituição do calendario, hoje empregado com tamanho zelo pelos mais ferrenhos *espiritos livres*, é um vasto sistema de *culto theologico*, correspon-

dente a uma religião já morta, e que só a *rotina* mantém.

Tanto peior para elles, se até agora se não aperceberam do que fazem inconscientemente. Demais, a *era*, que tambem é um meio de *culto*, um *exercicio dos órgãos altruistas* (isto é que é *culto*); a *era*, dizemos, indica um facto sem importancia para todo espirito emancipado. Um revolucionario, um voltaírano, a datar do nascimento de Christo! Não será o caso de perguntar com Horacio:—*e contendes o riso?*

Os heróes da grande Revolução foram mais coerentes: tomaram o problema em todas as suas partes e propuzeram uma solução que tem inconvenientes, como havemos de mostrar, mas que em todo caso nada conservou do antigo regimen. Antes de tudo começaram elles procurando estabelecer uma relação mais systematica entre as duas unidades subalternas—semana e mez. Em lugar, porém, de manter a semana, cujo uso universal já devia provar-lhes sua exacta conveniencia, elles a substituiram pela *decada* e fizeram todo o mez de 30 dias ou tres *decadas*. O anno teve então doze mezes e sobravam cinco dias nos annos communs e seis nos bissextos. Isto posto, «o nome dos mezes lembra os phenomenos naturaes preponderantes. O outomno é: Vendimario, Brumario e Frimario: o inverno é: Nivoso, Pluvioso e Ventoso; a primavera é: Germinal, Floreal e Prarial; o verão é: Messidor, Thermidor e Fructidor.» Plena adoração da natureza! Demais, foi instituida uma serie de festas decadarias, entre as quaes nos limitaremos a citar algumas: Ao *genero humano*, aos

bemfeiteiros da humanidade, á Verdade, á Justiça, ao Pudor, á Amizade, á Frugalidade, ao Amor, á Fé conjugal, ao Amor paterno, á Ternura materna, á Piedade filial, a nossos Arós, á Posteridade, etc.

Mudaram tambem a *era*; adoptando para origem o anno da instituição da Republica, dataram o anno I de 92.

A retrogradação pôz termo a essa gloria tentativa, restabelecendo o antigo calendario julio-gregoriano. E dizer-se que similhante acto encontra hoje o apoio de homens que se proclamam *livres!*

Apezar de tudo é facil demonstrar os defeitos da cónstrucção revolucionaria. Em primeiro logar domina nella o ponto de vista cosmologico como se vê na denominação dos mezes: em segundo logar, a idealisação da Humanidade é incompleta e sem systema. A isto junta-se a alteração feita na semana: não é impunemente que se violam as leis naturaes. O numero sete goza de propriedades logicas que não possue o numero dez; e são essas propriedades que explicam a adopção universal da semana.

Demais a *era* foi mal escolhida, a Revolução devendo datar da tomada da Bastilha, em 1789. Mesmo esta era não pôde convir indefinidamente, porque lembra um facto de *destruição* e excita, portanto, os orgãos egoistas, além de marcar uma época de *crise*.

Esta rapida indicação permite entrar agora na exposição do calendario positivista. Em primeiro logar observe-se que Aug. Comte construiu dois calendarios; um *concreto*, só para a época de

transição; outro *abstracto*, que é o definitivo. Falaremos de ambos.

Retomando o problema que a Revolução deixara em aberto, da subordinação das unidades medias,—semana e mez,—Aug. Comte foi levado a decompor cada anno em 13 mezes de quatro semanas (sete dias). E não se pense que houve arbitrariedade na escolha do numero adoptado: no positivismo não ha margem para arbitrio, tudo tem infallivelmente um motivo de razão ou de sentimento; e de sentimento quasi sempre. (*)

Na concepção positivista, o calendario deve ser consagrado á idealisação da Humanidade; ora essa idealisação pôde se fazer por dous modos distintos. Ou recordando os *Grandes Typos*, synthese e representação de cada phase decisiva,—e é calendario concreto:—ou lembrando directamente a Humanidade, pela celebração de seu laços fundamentaes como a Patria, a Familia; de sua evolução com o Fetichismo, Polytheismo e Monotheismo; e de seus orgãos, a mulher, o proletario, etc. É este o calendario abstracto.

Quer se trate porém de calendario concreto, quer se considere o calendario abstracto, o numero 13 se apresenta fatalmente. Com efeito, é necessário lembrar a *antiguidade*, a *media idade* e a *moderna idade* sob todos os aspectos da constituição humana. Ora a elaboração da antiguidade compõe-se de dous elementos fundamentaes—a theocracia e a civilização greco-romana. Durante a evolução grega, destaca-

(*) O sentimento prevalece sempre e em tudo.

carão-se successivamente do tronco teocratico a poesia, a philosophia e a sciencia. A evolução romana realizou a coordenação militar (Imperio Romano) que fundou o nucleo da occidentalidade. Eis ahi já cinco aspectos irreductiveis, e portanto cinco mezes, cujos nomes são Moysés, Ilomero, Aristoteles, Archimedes, e Cezar. A idade média se caracterisa completamente em dois factos: o catholicismo e o feudalismo, d'ahi os dois mezes de S. Paulo e Carlos Magno. Restam os tempos modernos, que se devem datar do XIV seculo. Fórmia uma longa época revolucionaria em que os elementos da futura ordem social se constituem anarchicamente. Esse elementos são irreductivelmente os seguintes: poesia, industria, drama, philosophia, politica e sciencia; e dão os seis mezes finaes, Dante, Guttemberg, Shakspeare, Descartes, Frederico e Bichat.

E a éra escolhida foi a Revolução franceza, para lembrar a todo occidental a necessidade de pôr termo á immensa crise que veiu anarchisar irremediavelmente a ordem antiga, sem nada substituir-lhe. Ao escrever uma data, o positivista recorda pois involuntariamente a urgencia da reorganisação social, e colhe ao mesmo tempo, no exemplo do bemfeitor que nomeia, forças contra as solicitações desordenadas do presente.

Os treze mezes não perfazendo 365 dias e sim 364, Aug. Comte juntou um dia complementar aos 13 mezes nos annos communs e dois nos annos bissextos. O primeiro foi consagrado á *festa geral dos mortos*, e o segundo á celebração das *mullheres santas*, na accepção positiva da palavra *santo*. Os nomes dos dias da semana que elle a principio substituira por *Maridia, Pa-*

tridia. etc., ficaram finalmente os mesmos. Com efecto esses nomes em todos os povos occidentaes, á excepção dos que fallam portuguez, recordam o fetichismo, o polytheismo, a theocaracia judaica e o catholicismo. Em portuguez teremos no futuro de alterar os nomes dos cinco primeiros dias, aproximando-os da denominação hespanhola; *lunes, martes, miercoles, jueves, viernes*, derivados do modo de dizer romano. Por exemplo, poderíamos chamarlos, *lunia, martia, merculia, joria, venuxia*, combinando as radicaes latinas com a terminação da palavra *dia*. (*)

Todo mez começa n'uma *segunda-feira* (*lundi*, em francez) e termina no domingo.

E o dia ou dias supplementares sendo designados pelas suas festas, o calendario é perpetuo, o que tem um grande alcance moral, como observou-o o proprio Augusto Comte. Com effeito choca ao coração a discordancia entre o numero e o nome do dia, em que se passaram acontecimentos que nos commovem.

Um artigo não é um livro; não podemos portanto examinar minuciosamente esse vasto sistema de commemoração que só por si bastaria para attes-

(*) O cidadão Miguel Lemos construiu «novos nomes pautados pelos correspondentes da lingua italiana, a quem cabe a presidencia occidental. Eis aqui as novas denominações; *lunedia, martedìa, mercuridìa, joredìa, veneridìa*, sábado e domingo. O primeiro dia, consagrado á Lua, lembra o fetichismo astrolatrico; o 2.^º, 3.^º, 4.^º e 5.^º, respetivamente dedicados a Marte, Mercurio, Jupiter, ou Jove, e Venus, recorda o politeísmo; o sábado (dia do Sabat), o monoteísmo moisaco; e o domingo (dia do Senhor), o monoteísmo católico» Vêde Cat. posit. Trad. braz. 2.^a ed. pag. 511 e 512—(Nota do editor).

tar a vigorosa intelligencia e o grande coração do venerando Pensador que o concebeu. (1) No entanto cumpre indicar as suas imperfeições necessarias. O que salta logo aos olhos é a sua insufficiencia na idealisaçāo da antiguidade. O periodo mais importante da iniciação humana e o mais longo—o fetichismo—é apenas indicado em alguns typos fabulosos nos dias do primeiro mez. A isto junte-se a contingencia de acrecentar comumente typos incompletos, de sorte que o calendario contem sempre individuos dignos de veneração, mas ás vezes pouco merecedores de imitação. Bastam essas duas lacunas para tornal-o provvisorio.

Tem elle, porém, a vantagem de permittir o estabelecimento do futuro culto positivista, preparando as gerações para as abstracções que este supõe, e cultivando a veneração pela unica forma de que é susceptivel em nossos tempos. Basta lembrar que o culto da Humanidade, é a denominação de Ente Supremo conferida a essa eminentissima concepção, foi a grande prova invocada para demonstrar a loucura de Aug. Comte. E ainda ha quem repita essas parvoices, filhas do despeito pessoal e de um coração myrrado. As pessoas sensatas e os corações bem formados que julguem por si da lucidez do grande Pensador. (2)

(1) Nem então nem hoje poderíamos fazer tal exame minucioso por falta de competencia. E é excuzado acrecentar que as imperfeições apontadas forão assinalados pelo nosso Mestre mesmo, sem o que não as teríamos visto.

R. T. M.

(2) E' bem grato pensar que hoje similhantes reflexões são ociosas.

R. T. M.



O calendario abstracto não apresenta as lacunas que acabamos de mencionar; a sua aceitação, porém, depende do pleno reconhecimento da Religião positiva. Elle idealisa a Humanidade nos fundamentos de sua existencia pela consagração de todos os laços que tem o homem na vida; depois na sua lenta evolução através das idades, e finalmente nos seus *órgãos*, isto é, nos grandes elementos da ordem humana. E podia Aug. Comte ter procedido de outra forma? Vejamos.

Os positivistas não cremos em Deus; não contamos com premios nem castigos que não sejam a gratidão e o estigma de nossos semelhantes, contemporaneos e sobretudo posteriores.⁽¹⁾ A consciencia de que havemos de ser amados por nossos filhos enquanto existir o planeta humano, é sobejamente recompensa ao pouco que possamos fazer de bom. (2) E ainda ha mais: nós cremos que em nosso cerebro existe um certo numero de cellulas,—para fallar a linguagem da biologia,—cuja função é impellir-nos a *river para os outros*. Isto, para nós, é tão scientificamente demonstrado, tão positivo, como que tres e dois fazem cinco. Dêm o nome que quizerem, *as delícias da abnegação e os encantos do amor* são tão reaes como a satisfação produzida pelo exercicio normal de qualquer outra função. De sorte

(1) A suprema recompensa é a satisfação intima do bem; e o supremo castigo é o *remorso* do mal.

R. T. M.

(2) Maior do que essa recompensa é a convicção da aprovação subjectiva dos nossos antepassados e sobretudo dos que mais veneramos.

R. T. M.

que para o positivismo, *amar*, isto é, dedicar-se por outrem, é tão imprescindivel a vida como nutrir-se. Um homem, um animal superior que não ama, é tão inconcebivel biologicamente como qualquer outra monstruosidade.

E note-se que os homens que assim pensam, adoptam por dogma a sciencia, isto é, a mathematica, a astronomia, a physica, a chimica, a biologia, a sociologia, e a moral, tudo *sem Deus e sem Rei*. Sacerdote positivista quer dizer professor de toda essa vasta serie, medico, e, por cima, a mais alta moralidade, comprovados taes requesitos pelos meios em uso na sociedade em que se vive. (*)

Com semelhantes dados, Aug. Comte só podia consagrar no calendario a Humanidade que é para nós o Ente Supremo, resumo da Familia e da Patria, como o polytheismo e o monotheismo consagraram os deuses. Ora os laços da vida humana são em numero de seis: a *Humanidade*, abrangendo os laços religioso, historico, politico e communal; o *Matrimonio*; a *Paternidade*; a *Filiação*; a *Fraternidade* e a *Domesticidade*. Ali estão seis meses consagrados especialmente ao amor. Depois seguem-se tres outros consagrados ao *Fetichismo, Polytheismo e Monotheismo* (theocratico, catholico, islamico e methaphysico). E finalmente vem a consagração dos elementos actuaes da sociedade, que para o positivista constituem a verdadeira *Providencia*. São elles que asseguram o pleno desenvolvimento da nossa existencia. Estes elementos são: a *Mulher*

(*) Isto é, pelo menos em uso na sociedade regenerada

(Providencia moral); o *Sacerdocio* (Providencia intellectual); o *Patriciado* (chefes industriaes, Providencia material); e o *Proletariado* (productores, Providencia geral). E assim temos os nomes dos treze meses do anno normal.

Quanto á *éra normal*, o Positivismo a data de 1855: este é o anno I. A éra é escolhida de modo a indicar a terminação da *Política Positiva*, que tornou possível a reorganização humana, cessando a época das revoluções e assegurando o advento da paz universal.

A' vista do que acabámos de expôr, aprecie o publico a importancia e a complexidade do problema que se resume na constituição do calendario, e por si decida se Aug. Comte attingiu ou não á solução unica, compativel com as exigencias humanas.

R. Seixreira Mendes.

47, Travessa do Desterro.



AUGUSTO COMTE

CALENDARIO POZITIVISTA

para um anno qualquer

ou

QUADRO CONCRETO DA PREPARAÇÃO HUMANA

A explicação do Calendario Historico pôde ser lida nas seguintes obras de Augusto Comte: *Système de Politique Positive*, tomo IV, pag. 398; *Appel aux Conservateurs*, pag. 115.

Os nomes inscritos em italico designão adjuntos que, nos anos bissextos, substituem os tipos correspondentes.

A éra provizoria pozitivista, atualmente em uso, começa a 1.^o de janeiro de 1789.

MIGUEL LEMOS.
Diretor do Apostolado Pozitivista do Brazil

1.^o mez

MOYSÉS

A THEOCRACIA INICIAL

Lunedia	— 1 —	Prometheu	Cadmo
Martedia	— 2 —	Hercules	Theseu
Mercuridia	— 3 —	Orpheu	Tiresias
Jovedia	— 4 —	Ulysses	
Venerdia	— 5 —	Lycурго	
Sabbado	— 6 —	Romulo	
Domingo	— 7 —	NUMA	
	— 8 —	Bel	Semiramis
	— 9 —	Sesostris	
	— 10 —	Manú	
	— 11 —	Cyro	
	— 12 —	Zoroastro	
	— 13 —	Os Druidas	Ossian
	— 14 —	BUDHA	
	— 15 —	Fu-Hi	
	— 16 —	Lau-Tseu	
	— 17 —	Meng-Tseu	
	— 18 —	Os theocratas do Tibet	
	— 19 —	Os theocratas do Japão	
	— 20 —	Manco-Capac	Tamehamea
	— 21 —	CONFUCIO	
	— 22 —	Abrahão	Jose'
	— 23 —	Samuel	
	— 24 —	Salomão	David
	— 25 —	Isaias	
	— 26 —	S. João, Baptista	
	— 27 —	Harum-al-Raschid	Abdraman III
	— 28 —	MAHOMET	

2º mez

HOMERO

A POESIA ANTIGA

Lunedìa	— 1—Hesiodo	
Martedìa	— 2—Tirteu	<i>Sapho</i>
Mercuridìa	— 3—Anacreonte	
Jovedìa	— 4—Pindaro	
Venerdìa	— 5—Sophocles	<i>Eurípides</i>
Sabbado	— 6—Theocrito	<i>Longo</i>
Domingo	— 7— ESCHYLO	
	— 8—Escopas	
	— 9—Zeuxis	
	— 10—Ictino	
	— 11—Praxiteles	
	— 12—Lysippo	
	— 13—Apelles	
	— 14— PHIDIAS	
	— 15—Esopo	<i>Pilpai</i>
	— 16—Plauto	
	— 17—Terencio	<i>Menandro</i>
	— 18—Phedro	
	— 19—Juvenal	
	— 20—Luciano	
	— 21— ARISTOPHANES	
	— 22—Ennio	
	— 23—Lucrecio	
	— 24—Horacio	
	— 25—Tibullo	
	— 26—Ovidio	
	— 27—Lucano	
	— 28— VIRGILIO	

3.^o mez

ARISTOTELES

A PHILOSOPHIA ANTIGA

Lunedìa	— 1—Anaximandro
Martedìa	— 2—Anaximenes
Mercuridìa	— 3—Heraclito
Jovedìa	— 4—Anaxagoras
Venerdìa	— 5—Democrito <i>Leucippo</i>
Sabbado	— 6—Horodoto
Domingo	— 7— THALES
	— 8—Solon
	— 9—Xenophanes
	— 10—Empedocles
	— 11—Thucydides
	— 12—Archytas <i>Philolaus</i>
	— 13—Apollonio de Tyane
	— 14— PYTHAGORAS
	— 15—Aristippo
	— 16—Antisthenes
	— 17—Zeno
	— 18—Cicero <i>Plinio Junior</i>
	— 19—Epicteto <i>Arriano</i>
	— 20—Tacito
	— 21— SOCRATES
	— 22—Xenocrates
	— 23—Philon de Alexandria
	— 24—São João Evangelista
	— 25—São Justino <i>Santo Ireneu</i>
	— 26—São Clemente de Alexandria
	— 27—Origenes <i>Tertuliano</i>
	— 28— PLATÃO

4.^o mez

ARCHIMEDES

A SCIENCIA ANTIGA

Lunedia	— 1—Theophrasto	
Martedia	— 2—Herophilo	
Mercuridia	— 3—Erasistrato	
Jovedia	— 4—Celsq	
Venerdia	— 5—Galeño	
Sabbado	— 6—Avicenna	Averroes
Domingo	— 7— HYPOCRATES	
	— 8—Euclides	
	— 9—Aristeu	
	— 10—Theodosio de Bythinia	
	— 11—Heron	Ctesibio
	— 12—Pappus	
	— 13—Diophante	
	— 14— APPOLLONIO	
	— 15—Eudoxio	Arato
	— 16—Pytheas	Nearco
	— 17—Aristarco	Berozo
	— 18—Eratosthenes	Sosigenes
	— 19—Ptolomeo	
	— 20—Albatenio	Nassir-Eddim
	— 21— HIPPARCO	
	— 22—Varrão	
	— 23—Columela	
	— 24—Vitruvio	
	— 25—Estrabão	
	— 26—Frontino	
	— 27—Plutarco	
	— 28— PLINIO, o Velho	

5.º mez

CEZAR

A CIVILISAÇÃO MILITAR

Lunedia	— 1 —	Milciades
Martedia	— 2 —	Leonidas
Mercuridia	— 3 —	Aristides
Jovedia	— 4 —	Cimon
Venerdia	— 5 —	Xenophonte
Sabbado	— 6 —	Phocion
Domingo	— 7 —	Epaminondas
	— 8 —	THEMISTOCLES
	— 9 —	Pericles
	— 10 —	Philippe
	— 11 —	Demosthenes
	— 12 —	Tolomeu Lago
	— 13 —	Philopœmen
	— 14 —	Polybio
	— 15 —	ALEXANDRE
	— 16 —	Junio Bruto
	— 17 —	Camillo
	— 18 —	Fabricio
	— 19 —	Annibal
	— 20 —	Paulo Emilio
	— 21 —	Mario
	— 22 —	SCIPIÃO
	— 23 —	Junio Bruto
	— 24 —	Camillo
	— 25 —	Fabricio
	— 26 —	Annibal
	— 27 —	Paulo Emilio
	— 28 —	Mario
	— 22 —	Mecenas
	— 23 —	Vespasiano
	— 24 —	Adriano
	— 25 —	Antonino
	— 26 —	Papiniano
	— 27 —	Alexandre Severo
	— 28 —	TRAJANO

6.^o mez

S. PAULO

O CATHOLICISMO

Lunedia	— 1—São Lucas.....	<i>São Tiago</i>
Martedia	— 2—São Cypriano	
Mercuridia	— 3—Santo Athanasio	
Jovedia	— 4—São Jeronymo	
Venerdia	— 5—Santo Ambrosio	
Sabbado	— 6—Santa Monica	
Domingo	— 7— SANTO AGOSTINHO	
	— 8—Constantino	
	— 9—Theodosio	
	— 10—São Chrysostomo.....	<i>São Basilio</i>
	— 11—Santa Pulcheria.....	<i>Marciano</i>
	— 12—Santa Genoveva de Paris.....	
	— 13— São Gregorio Magno	
	— 14— HILDEBRANDO	
	— 15—São Bento.....	<i>Santo Antonio</i>
	— 16—São Bonifacio.....	<i>Santo Austino</i>
	— 17—Santo Isidoro de Sevilha....	<i>São Bruno</i>
	— 18—Lanfranc.....	<i>Santo Anselmo</i>
	— 19—Heloisa.....	<i>Beatriz</i>
	— 20—Os architectos da Idade Média	<i>São Benezet</i>
	— 21— SÃO BERNARDO	
	— 22—São Francisco Xavier.	<i>Ignacio de Loyola</i>
	— 23—São Carlos-Borromeu.	<i>Fred. Borromeu</i>
	— 24—S.ta Thereza....	<i>S. Catharina de Sienne</i>
	— 25—São Vicente de Paula...	<i>O padre L'Epée</i>
	— 26—Bourdaloue.....	<i>Claudio Fleury</i>
	— 27—W. Penn.....	<i>G. Fox</i>
	— 28— BOSSUET	

7.^o mez

CARLOS MAGNO

A CIVILISAÇÃO FEUDAL

Lunedia	— 1—Theodorico Magno
Martedia	— 2—Pelagio
Mercuridia	— 3—Othão, o Grande. <i>Henrique, o Passarinheiro</i>
Jovedia	— 4—Santo Henrique
Venerdia	— 5—Villiers <i>La Vallete</i>
Sabbado	— 6—D. João de Lepanto <i>João Sobieski</i>
Domingo	— 7— ALFREDO
	— 8—Carlos Martel
	— 9—O Cid <i>Tancredo</i>
	— 10—Ricardo <i>Saladino</i>
	— 11—Joanna d'Arco <i>Marina</i>
	— 12—Albuquerque <i>W. Raleigh</i>
	— 13—Bayard
	— 14— GODOFREDO
	— 15—São Leão, o Grande <i>Leão IV</i>
	— 16—Gerbert <i>P. Damião</i>
	— 17—Pedro, o Eremita
	— 18—Suger <i>Santo Eloy</i>
	— 19—Alexandre III <i>Thomas Becket</i>
	— 20—São Francisco de Assis <i>São Domingos</i>
	— 21— INNOCENCIO III
	— 22—Santa Clotilde
	— 23—Santa Bathilde <i>Mathilde de Toscana</i>
	— 24—Santo Estevão de Hungria
	— 25—Santa Izabel de Hungria. <i>Mat. Corvino</i>
	— 26—Branca de Castella
	— 27—São Fernando III <i>Affonso X</i>
	— 28— SÃO LUIZ

8.^o mez

DANTE

A EPOPÉA MODERNA

Lunedia	— 1—Os Trovadores	
Martedia	— 2—Bocacio	Chaucer
Mercuridia	— 3—Rabelais	Swift
Jovedia	— 4—Cervantes	
Venerdia	— 5—Lafontaine	Roberto Burns
Sabbado	— 6—De Foe	Goldsmith
Domingo	— 7— ARIOSTO	
	— 8—Leonardo de Vinci	Ticiano
	— 9—Miguel Angelo	Paulo Veronese
	— 10—Holbein	Rembrandt
	— 11—Poussin	Lesueur
	— 12—Velasquez	Murillo
	— 13—Teniers	Rubens
	— 14— RAPHAEL	
	— 15—Froissart	Joinville
	— 16—Camões	Spenser
	— 17—Os Romanceiros hespanhoes	
	— 18—Chateaubriand	
	— 19—Walter-Scott	Cooper
	— 20—Manzoni	
	— 21— TASSO	
	— 22—Petrarca	
	— 23 Thomas Kempis <i>Luiz de Granada e Bunyan</i>	
	— 24—M.me de Lafayette	M.me de Stael
	— 25—Fenelon	São Francisco de Salles
	— 26—Klopstock	Gessner
	— 27—Byron	Elisa Mercœur e Shelley
	— 28— MILTON	

9.^o mez

GUTTEMBERG

A INDUSTRIA MODERNA

Lunedia	— 1—Marco-Polo	<i>Chardin</i>
Martedia	— 2—Diogo Cœur.....	<i>Grescham</i>
Mercuridia	— 3—Gama.....	<i>Magalhães</i>
Jovedia	— 4—Neper.....	<i>Briggs</i>
Venerdia	— 5—Lacaille.....	<i>Delambre</i>
Sabbado	— 6—Cook.....	<i>Tasman</i>
Domingo	— 7— COLOMBO	
	— 8—Benevenuto Cellini	
	— 9—Amontons.....	<i>Wheatstone</i>
	— 10—Harrison.....	<i>Pedro Leroy</i>
	— 11—Dollond.....	<i>Graham</i>
	— 12—Arkwright.....	<i>Jacquart</i>
	— 13—Conté	
	— 14— VAUCANSON	
	— 15—Stevin	<i>Torricelli</i>
	— 16—Mariotte	<i>Boyle</i>
	— 17—Papin	<i>Worcester</i>
	— 18—Black	
	— 19—Jouffroy	<i>Fulton</i>
	— 20—Dalton	<i>Thilorier</i>
	— 21— WATT	
	— 22—Bernardo de Palissy	
	— 23—Guglielmini	<i>Riquet</i>
	— 24—Duhamel (du Monceau)	<i>Bourgelat</i>
	— 25—Saussure	<i>Bouguer</i>
	— 26—Coulomb	<i>Borda</i>
	— 27—Carnot	<i>Vauban</i>
	— 28— MONTGOLFIER	

SHAKESPEARE

O DRAMA MODERNO

Lunedia	— 1—Lope de Vega.....	<i>Montalvan</i>
Martedia	— 2—Moreto.....	<i>Guillen de Castro</i>
Mereuridia	— 3—Rojas.....	<i>Guevara</i>
Jovedia	— 4—Otway.....	
Venerdia	— 5—Lessing.....	
Sabbado	— 6—Goethe.....	
Domingo	— 7— CALDERON	
	— 8—Tirso	
	— 9—Vondel	
	— 10—Racine	
	— 11—Voltaire	
	— 12—Metastasio	<i>Alfieri</i>
	— 13—Schiller	
	— 14— CORNEILLE	
	— 15—Alarcon	
	— 16—M.me de Motteville.....	<i>M.me Roland</i>
	— 17—M.me de Sevigne	<i>Lady Montague</i>
	— 18—Lesage	<i>Sterne</i>
	— 19—M.me de Staal	<i>Miss Edgeworth</i>
	— 20—Fielding	<i>Richardson</i>
	— 21— MOLIERE	
	— 22—Pergoleso	<i>Palestrina</i>
	— 23—Sacchini	<i>Gretvy</i>
	— 24—Gluck	<i>Lully</i>
	— 25—Beethoven	<i>Handel</i>
	— 26—Rossini	<i>Weber</i>
	— 27—Bellini	<i>Donizetti</i>
	— 28— MOZART	

DESCARTES

A PHILOSOPHIA MODERNA

Lunedia	— 1—Alberto, o Grande	<i>João de Salisbury</i>
Martedia	— 2—Rogerio Bacon	<i>Raymundo Lullio</i>
Mercuridia	— 3—São Boaventura	<i>Joaquim</i>
Jovedia	— 4—Ramus	<i>O cardeal de Cusa</i>
Venerdia	— 5—Montaigne	<i>Erasmo</i>
Sabbado	— 6—Campanella	<i>Morus</i>
Domingo	— 7— SÃO THOMAZ DE AQUINO .	
	— 8—Hobbes	<i>Spinoza</i>
	— 9—Pascal	<i>J. Bruno</i>
	— 10—Locke	<i>Malebranche</i>
	— 11—Vauvenargues	<i>Mme de Lambert</i>
	— 12—Diderot	<i>Duclos</i>
	— 13—Cabanis	<i>Jorge Leroy</i>
	— 14— BACON	
	— 15—Grocio	<i>Cujacio</i>
	— 16—Fontenelle	<i>Maupertuis</i>
	— 17—Vico	<i>Herder</i>
	— 18—Freret	<i>Winckelmann</i>
	— 19—Montesquieu	<i>d'Aguesseau</i>
	— 20—Buffon	<i>Oken</i>
	— 21— LEIBNITZ	
	— 22—Robertson	<i>Gibbon</i>
	— 23—Adão Smith	<i>Dunover</i>
	— 24—Kant	<i>Fichte</i>
	— 25—Condorcet	<i>Fergusson</i>
	— 26—José de Maistre	<i>De Bonald</i>
	— 27—Hegel	<i>Sophia Germain</i>
	— 28— HUME	

FREDERICO

A POLITICA MODERNA

Lunedia	— 1 —	Maria de Molina	
Martedia	— 2 —	Cosme de Medicis, o Velho	
Mercuridia	— 3 —	Philippe de Comines	Guicciardini
Jovedia	— 4 —	Izabel de Castella	
Venerdia	— 5 —	Carlos V	Sisto V
Sabbado	— 6 —	Henrique IV	
Domingo	— 7 —	LUIZ XI	
	— 8 —	L'Hôpital	
	— 9 —	Barneveldt	
	— 10 —	Gustavo Adolpho	
	— 11 —	Witt	
	— 12 —	Ruyter	
	— 13 —	Guilherme III	
	— 14 —	GUILHERME, o Taciturno	
	— 15 —	Ximenes	
	— 16 —	Sully	Oxenstiern
	— 17 —	Mazarino	Walpole
	— 18 —	Colbert	Luiz XIV
	— 19 —	Aranda	Pombal
	— 20 —	Turgot	Campomanes
	— 21 —	RICHELIEU	
	— 22 —	Sidney	Lambert
	— 23 —	Franklin	Hampden
	— 24 —	Washington	Kosciusko
	— 25 —	Jefferson	Madison
	— 26 —	Bolivar	Toussaint-Louverture
	— 27 —	Francia	
	— 28 —	CROMWELL	

13.^o mez

BICHAT

A SCIENCIA MODERNA

Lunedia	— 1—Copernico	Tycho-Brahe
Martedia	— 2—Kepler	Halley
Mercuridia	— 3—Huyghens.....	Varignon
Jovedia	— 4—Diogo Bernouilli.....	J. Bernouilli
Venerdia	— 5—Bradley	Roemer
Sabbado	— 6—Volta	Sauveur
Domingo	— 7— GALILEU	
	— 8—Viete	Harriot
	— 9—Wallis	Fermat
	— 10—Clairaut	Poisson
	— 11—Euler.....	Monge
	— 12—D'Alembert	Daniel Bernouilli
	— 13—Lagrange.....	José Fourier
	— 14— NEWTON	
	— 15—Bergman.....	Scheele
	— 16—Priestley	Davy
	— 17—Cavendish	
	— 18—Guyton-Morveau	Geoffroy
	— 19—Berthollet	
	— 20—Berzelius	Ritter
	— 21— LAVOISIER	
	— 22—Harvey	Ch. Bell
	— 23—Boerhaave	Stahl e Barthez
	— 24—Lineu.....	B. de Jussieu
	— 25—Haller.....	Vicq-d'Azyr
	— 26—Lamarck	Blainville
	— 27—Broussais	Morgagni
	— 28— GALL	

Dia complementar..... Festa universal dos **MORTOS**

Dia bissexto... Festa geral das **SANTAS MULHERES**